

SEGUNDA COMPOSIÇÃO PARA UM PROBLEMA DE DIFERENÇA E IMAGEM, COMO TAMBÉM DE GLÓRIA¹

MAÍRA DE BENEDETTO²

1.

os papéis escapam das mãos
e permanecem dias,
como se à espera de uma contra-história ou abandonados ao peso do tempo
para escrever é preciso um hiato
uma hesitação
o caminho da luz.

Muitos são perseguidos
e considerar que figurações de um mundo se colocam também aos fatos possíveis, permanecemos mexendo nas imagens e na face opaca da história.

2.

“Quero ser enviada novamente à França com instruções precisas e uma missão - perigosa por escolha - no trabalho clandestino... Eu acolheria qualquer grau de perigo se somente pudesse fazer alguma coisa realmente útil. Minha vida não vale nada para mim enquanto Paris, minha cidade natal, estiver sujeita à dominação alemã. Nem quero que minha cidade seja libertada somente com o sangue de outros. (...) A dor e o perigo são indispensáveis por causa da minha conformação mental.

(...) O infortúnio que cobre a superfície do globo terrestre obceca-me e oprime-me até ao ponto de anular as minhas faculdades, e eu não conseguirei recuperá-las e livrar-me dessa obsessão se não me calhar a mim mesma uma boa parte de perigo e sofrimento. (...) Suplico-lhe

1 Segunda composição para um problema de diferença e imagem, como também de glória pertence ao Díptico: Composição para um problema de diferença e imagem, como também de glória & Segunda composição para um problema de diferença e imagem, como também de glória, escrito por Maíra no intervalo entre os anos de 2018 e 2021.

2 Graduada pela Universidade Belas Artes de São Paulo em Arquitetura e Urbanismo, sua profissão, e graduanda em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Tem duas prosas poético-filosóficas publicadas pela editora Phármakon, *Nachtschmetterling* (2013) e *qui novit nomen, quaestio: Excertos de Transcendência e Crime* (2018). Contato: mbtttto@gmail.com

que me encontre, se puder, a quantidade de sofrimento e de perigo úteis que me preservará de ser esterilmente consumida pela mágoa." - Simone Weil, em 1942, nas cartas para Maurice Schumann, onde também escrevia seu 'Projeto de uma formação para enfermeiras de primeira linha' para combater os soldados e a propaganda hitleristas.

3.

Era preciso uma paisagem, ainda assim não seria suficiente. Era preciso uma imensidão pontuada de referências e permeada por uma espacialidade que abrisse teu espírito. Nem sempre se encontra uma paisagem enquanto caminha. O corpo caminhava ritmando as dimensões dos sinos que o antecipava.

E era como se precisasse revelar a natureza de seu espírito pela imagem de um esquecimento realizada por um presente concreto

o fim

amantes das trincheiras!

suplicantes da passagem!

ei-lo!

sem formação!

sem devaneio!

por livre coincidência as badalações do sino desenham uma triangulação infinita que se movimenta adentrando o próprio infinito e sua geometria,

a história deveria ser escrita assim,

um corpo se expandindo à potência sonora desse infinito

a presença do corpo na história pela configuração espacial da experiência determinada por uma

temporalidade do esquecimento, quando a espacialidade da história determina a temporalidade

do corpo presente em sua atualidade e a história se atualiza no corpo pelo esquecimento

desse mesmo corpo, o corpo é aberto à temporalidade da história que por sua vez se realiza na

espacialidade do corpo, que, depois da história, não se delimita à espacialidade presente. Esquecimento

é um modo de esvaziamento onde se determina uma espacialidade possível. Mas a história

ainda não acontece aí. Queremos escrever, na história, todo o movimento do corpo que

se expande à consciência histórica e à consciência de si na história ao mesmo tempo em que

perde a referência do espaço presente, do espaço em que o corpo se desloca mas que não sustenta

a espacialidade aberta pela história e pela consciência. A consciência é para o corpo a

expansão histórica de sua espacialidade

no espírito de teu regresso.